

# CRÍTICA LITERÁRIA: IDÉIAS QUE SE CRUZAM NAS RELAÇÕES ENTRE SOCIEDADE, HISTÓRIA E LEITOR

Izabel Cristina da Costa Bezerra Oliveira – UERN/PRADILE  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem- PPgEL/UFRN

## RESUMO

O presente estudo faz uma leitura sobre as várias relações que a crítica literária pode expressar com a sociedade, a História e o leitor. Como ponto de partida, busca-se as idéias de Antonio Candido, Alfredo Bosi, Hans Robert Jauss e Octávio Paz. A segunda parte da análise comporta a receptividade da crítica sobre o romance *Fogo morto*, de José Lins do Rêgo, no momento de sua publicação em 1943 até a contemporaneidade. (Palavras-chave: Literatura – crítica literária – História - sociedade)

## 1 – Crítica literária: idéias que se cruzam

Nossa leitura apreciará de forma sucinta o vasto mundo da crítica literária, onde um expressivo processo dialético exprime as relações entre a arte e o homem. Por meio das análises, busca-se enfatizar as várias relações que os críticos estabelecem em seus estudos, dentre elas: literatura e sociedade, a qual se refere Antonio Candido; literatura e História, defendida por Alfredo Bosi; literatura e leitor, pensada por Hans Robert Jauss e mais uma vez, literatura e história sob a perspectiva de Octávio Paz.

A primeira relação a ser apreciada diz respeito às idéias do professor Antonio Candido quando em sua teoria afirma que a criação literária relaciona-se com aspectos de ordem social, uma vez que uma obra não surge do nada, pois é fundamental que esteja inserida num contexto histórico.

Segundo Candido, “a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição”<sup>1</sup> e deve provocar no leitor certa “inquietação no tocante à relação literatura e sociedade. Neste caso, pode-se dizer que a obra desempenha uma certa função social decorrente de sua própria natureza”<sup>2</sup>. A propósito, vejamos a análise do crítico:

A função social (ou “razão de ser sociológica”, para falar como Malinowski) comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade.<sup>3</sup>

É sugestivo ainda observar em sua análise, que a função social da obra literária ganha um novo ingrediente, passando a aparecer com “algo empenhado”:

---

<sup>1</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*, p. 30.

<sup>2</sup> Idem, *Ibidem*, p. 17.

<sup>3</sup> Idem, *Ibidem*, p. 46.

Portanto, a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma *práxis* socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo.<sup>4</sup>

Uma outra concepção interessante sobre as várias relações que a literatura pode expressar refere-se à crítica de Alfredo Bosi aqui apresentada pela relação ‘literatura e História’. Entretanto, vale retomar e explicar que o termo ‘sociedade’ escolhido por Candido reporta-se também em suas análises aos fatos históricos, ou seja, à História propriamente dita, pois o que é uma sociedade senão um espaço histórico?

No artigo “A interpretação da obra literária”<sup>5</sup>, Bosi afirma que toda grande obra é produzida através de um processo dialético entre a literatura chamada por ele de “fantasia criadora” e História, “visão ideológica da História”, essa última exprime o conhecimento de mundo que o escritor demonstra ter sobre o meio social.

Segundo Bosi, a criação literária comporta a fusão do conhecimento prévio simbolizado pela “lembrança pura” e conhecimento intelectual, expresso pela “memória social” do autor. Para tanto, nós leitores não podemos desconsiderar essas interações. Assim, apreciemos as idéias do crítico:

Não há grande texto artístico que não tenha sido gerado no interior de uma dialética de lembrança pura e memória social; de fantasia criadora e visão ideológica da História; de percepção singular das coisas e cadências estilísticas herdadas no trato com pessoas e livros.<sup>6</sup>

Já a teoria do crítico alemão Hans Robert Jauss tem como principal proposta sugerir uma nova forma de analisar a literatura. Esta, por sua vez, deve considerar oportunamente o instante de recepção do texto. Nesse sentido, a obra literária passa a ser definida pela relação que se estabelece entre ‘literatura e leitor’, não negando com isso que “a relação entre literatura e leitor possui implicações tanto estéticas quanto históricas”<sup>7</sup>. No tocante às “implicações históricas”, o crítico assegura que ela se define pela fusão de experiências de leituras realizadas: a primeira é obtida pela leitura e análise que o leitor faz da obra e outras que fizera em momentos anteriores, remetendo-nos a pensar que toda leitura já é em si comparada. A segunda implicação define-se pelo conhecimento de mundo que o leitor tem ou supõe ter adquirido ao longo de sua existência e o caráter histórico presente na essência da obra. Desse modo, pensamos ainda, de acordo com as idéias propostas por Jauss, que o que determina o valor artístico de uma obra é a sua recepção. Para tanto, é principalmente nessa vinculação estreita entre literatura e leitor que surge a percepção apreciativa deste último, chamada pelo crítico de “horizonte de expectativa”. Esse horizonte que se refere Jauss é o modo como nós leitores nos situamos e percebemos o mundo a partir das leituras realizadas,

---

<sup>4</sup> Idem, *Ibidem*, p. 55.

<sup>5</sup> BOSI, Alfredo. *Céu, inferno*, p. 278.

<sup>6</sup> Idem, *Ibidem*, p. 278

<sup>7</sup> JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*, p. 23.

demonstrando assim nosso ponto de vista subjetivo sobre o texto lido. Apreciemos a análise do crítico sobre a relação dialógica entre literatura e leitor:

Considerando-se que, tanto em seu caráter artístico quanto em sua historicidade, a obra literária é condicionada primordialmente pela relação dialógica entre literatura e leitor – relação esta que pode ser entendida tanto como aquela da comunicação (informação) como o receptor quanto como uma relação de pergunta e resposta –, há de ser possível, no âmbito de uma história da literatura, embasar nessa mesma relação o nexos entre as obras literárias. E isso porque a relação entre literatura e leitor possui implicações tanto estéticas quanto históricas<sup>8</sup>.

A proposta de Jauss sobre a estética da recepção apresenta em sua teoria algumas idéias que muito se aproximam do pensamento de Antonio Candido. A primeira delas reside no grau de importância em que ambos atribuem à receptividade da obra pelo leitor. Essa idéia é percebida quando Jauss dá a definição da “história da literatura”:

A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete.<sup>9</sup>

Mais ligado à definição da literatura e não à história da literatura, Candido tece a análise:

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito.<sup>10</sup>

O segundo ponto que aproxima as teorias de Jauss e Candido refere-se à tarefa e função social que a literatura pode exercer. Quando se trata da história da literatura, segundo Jauss a tarefa “somente se cumpre quando a produção literária é não apenas apresentada sincrônica e diacronicamente na sucessão de seus sistemas, mas vista também como história particular, em sua relação própria com a história geral”<sup>11</sup>, Candido analisa a “grandeza” e a função da obra literária, aproximando assim o seu ponto de vista ao pensamento de Jauss. Na análise do estudioso brasileiro, temos:

A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que aprendem de um momento determinado e um determinado lugar.<sup>12</sup>

---

<sup>8</sup>Idem, *Ibidem*, p. 23.

<sup>9</sup>Idem, *Ibidem*, p. 25.

<sup>10</sup>CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*, p. 74.

<sup>11</sup>JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*, p. 50.

<sup>12</sup>CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*, p. 45.

Ainda no terreno propriamente dito das relações que a literatura pode expressar, observamos a importante contribuição de Octávio Paz ao estabelecer em seus estudos dentre eles, citamos “A consagração do instante”<sup>13</sup>, uma vasta relação entre literatura e História. Neste estudo, o crítico analisa especificamente o gênero poesia e aponta argumentos para afirmar que o poema é histórico por dois aspectos: primeiro, “como produto social” e segundo, “como criação que transcende o histórico mas que, para ser efetivamente, necessita encarnar-se de novo na história e repetir-se entre os homens.”<sup>14</sup>. Paz analisa o dizer poético ao mesmo tempo em que revela um significado expressivo para esse gênero literário. Em suas palavras:

O poeta fala das coisas que são suas e de seu mundo, mesmo quando nos fala de outros mundos: as imagens noturnas são compostas de fragmentos das diurnas, recriadas conforme outra lei. O poeta não escapa à história, inclusive quando a nega ou a ignora. Suas experiências mais secretas ou pessoais se transformam em palavras sociais, históricas. Ao mesmo tempo, e com essas mesmas palavras, o poeta diz outra: revela o homem.<sup>15</sup>

Nessa primeira parte de nosso trabalho, tentamos nos ater as idéias da crítica literária representada pelo pensamento de Antonio Candido, Alfredo Bosi, Hans Robert Jauss e Octávio Paz no momento em que suas idéias apontam as várias relações que a literatura pode expressar: literatura e sociedade; literatura e História e literatura e leitor.

Vimos que a teoria apresentada pelos críticos ora se aproxima, ora complementa-se uma com as outras. Desse modo, as relações intertextuais tornaram-se evidentes em algumas passagens de nosso estudo e servirão para embasar e orientar as análises que faremos sobre o romance *Fogo morto*, de José Lins do Rêgo.

## **2 – *Fogo morto* e a crítica: do surgimento à contemporaneidade**

A segunda parte de nosso trabalho objetiva fazer uma leitura sobre a estética da recepção no romance *Fogo morto*, de José Lins do Rêgo. Vale mencionar que a obra é um de nosso objeto de estudo na pesquisa que estamos desenvolvendo junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PpgEL, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Na análise, tomaremos fragmentos de textos da crítica literária sobre o romance, observando como se deu a receptividade da crítica no período em que foi publicado até a contemporaneidade.

O romancista José Lins do Rêgo entrou para o cenário da literatura brasileira em 1932 com a obra *Menino de engenho* e logo foi aclamado com o prêmio da Fundação Graça Aranha. Nos anos seguintes, deu continuidade à publicação dos romances: *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho Doce* (1939), *Água-Mãe* (1941), *Fogo morto* (1943), *Eurídice* (1947) e *Cangaceiros* (1953). Vale salientar que é bastante considerável a fortuna crítica sobre suas obras. Todavia, nesse estudo, daremos ênfase às análises direcionadas ao romance *Fogo morto*.

---

<sup>13</sup> PAZ, Octávio. *Signos em rotação*, p. 55

<sup>14</sup> Idem, *Ibidem*, p. 54

<sup>15</sup> PAZ, Octávio. *Signos em rotação*, p. 55.

*Fogo morto* é o décimo romance do paraibano José Lins do Rego e traz na sua composição uma prosa que retoma a temática do engenho, tão expressiva no fazer literário do autor. Desde o ano de sua publicação em 1943, a estudos recentes na contemporaneidade, tem despertado um vasto interesse e atenção especial de críticos que se reservam a comentar a obra em si, o estilo e uma madura consciência do escritor no tocante à perspicácia com que lida o assunto à forma literária. Neste sentido, a receptividade de *Fogo morto* foi analisada por teóricos brasileiros e estrangeiros. No ano de seu surgimento, recebeu a apreciação do ensaísta e crítico literário, naturalizado brasileiro, Oto Maria Carpeaux:

O grande valor literário da obra de José Lins do Rego reside nisto: o seu assunto e o seu estilo correspondem-se plenamente. Assim e só assim, conta-se a decadência do patriarcalismo no Nordeste do Brasil, com as suas inúmeras tragédias e misérias humanas e uns raros raios de graça e de humor. Por isso, José Lins do Rego consegue acertadamente o que quer: e isto parece-me o maior elogio que se pode fazer a um escritor. Pode ser que “o homem da terra” nem sempre sabia disso; mas o “o homem dos livros”, que há também em Zé Lins sabe muito bem. Sabe bem a lição do seu mestre Gilbeto Freyre, e transformou-a tão integralmente em literatura, em romance, em vida, que hoje é sua.<sup>16</sup>

No ano seguinte, no texto “dois estudos”, em *O empalhador de passarinho*, afirma sem reserva que “a crítica profissional tem se mostrado desatenta diante de *Fogo morto*.”<sup>17</sup> Para tanto, conclui o crítico paulista: “... Felizmente que já não sou mais crítico profissional de literatura, basta! Hoje eu sobrenado na calma virtuosa da crítica apologética, que tanto enquizila a crítica”<sup>18</sup>

Mesmo colocando-se como um crítico amador, tece com precisão uma análise sobre as personagens que compõem os vários dramas da narrativa:

(...) os personagens eficientemente dramáticos de *Fogo morto* são os no entanto realizados como personalidade e ideais, os que de alguma forma foram obrigados a se completar num todo inteiriço e insolúvel, porque aquela sociedade medonha em que viviam os expulsou de si e lês vivem em luta que não foi, num mesmo José Amaro que aspira a ser do que nesse impagável e magistral capitão Vitorino, completado porque não tem lugar possível pra ele naquela sociedade. São mesmo trágicos em sua fatalidade. É o destino, é o *fatum* (social) que os determina e move.<sup>19</sup>

No período em foi publicado, o romance de José Lins do Rêgo recebeu também a apreciação do crítico mineiro Afonso Arinos de Melo Franco. Para o estudioso *Fogo morto* simboliza a obra-prima do romancista. Nas palavras de Franco:

<sup>16</sup> CARPEAUX, Oto Maria. “O brasileiríssimo José Lins do Rego”. In: *José Lins do Rego*, pp. 19-20

<sup>17</sup> ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*, pp. 19-20.

<sup>18</sup> Idem, *Ibidem*, p. 291.

<sup>19</sup> Idem, *Ibidem*, pp. 294 e 235.

Com o seu mais recente romance, *fogo morto*, José Lins do Rêgo conseguiu aquilo que nunca obtivera antes: reunir o ambiente social ao humano, oferecendo-nos um livro que é a um só tempo descritivo de ambientes e revelador de paixões. Isso já é um dos elementos que fizeram deste livro o maior da sua carreira.<sup>20</sup>

Ainda no decênio de 1940, Álvaro Lins demonstra com entusiasmo um artigo revelador sobre a representatividade de *Fogo morto* para a literatura brasileira, pois o romancista menciona o drama de um povo que serviria, sem dúvida, para expressar a tristeza do povo brasileiro. Segundo o crítico:

O Sr. José Lins do Rêgo é um romancista representativo do estado de espírito de um povo, e a sua tristeza é o sentimento coletivo um povo triste. E em nenhum momento de sua tristeza foi mais pungente do que em *Fogo Morto*. Grande parte do seu êxito estará na sua excepcional capacidade de comoção, nessa tristeza que o romancista salvou da sombria amargura pelos seus dons de simpatia e generosidade. A simpatia par compreender as figuras mais miseráveis, a generosidade para se irmanar com os seres vencidos e desgraçados. Podemos dizer de *Fogo Morto* que é por excelência o romance da tristeza brasileira. “Numa terra radiosa vive um povo triste” – esta frase de Paulo Prado e, *Retrato do Brasil!* Bem poderia servir de epígrafe para as páginas de *Fogo Morto*.<sup>21</sup>

É relevante também nesse período, Franklim M. Thompson sobre o estilo José Lins do Rêgo. Segundo o crítico, o romancista utilizou uma linguagem mesclada de “brasileirismos e regionalismos”<sup>22</sup> podendo desconcertar o leitor mais desatento.

A linguagem revela também semântica despojada, expressando de forma precisa o fazer literário do autor em relação à liberdade de criação, aspecto esse defendido de 1922. Para tanto, os escritores de 1945 retornam os aspectos elencados aqui por esse crítico. A escritura de José Lins do Rêgo é assim analisada por Thompson:

O estilo de José Lins é simples, lírico, em tom de conversa, ele é extremamente e coloquial no seu vocabulário. Mas que ninguém se engane, pois seu cabedal de palavras é enorme, e o tesouro de brasileirismos e regionalismos, que ele tornou nacionais, desconcerta o leitor desprevenido. José Lins do Rêgo escreve na linguagem corrente e quotidiana do Nordeste. Sua sintaxe, é habitualmente boa, mas decerto não é purista e exibe pouco respeito à regras tradicionais de gramática, tomadas em si mesmas, não se preocupando o escritor com “retórica e composição”.<sup>23</sup>

Em 1957, ano da morte do romancista, Carlos Drummond de Andrade fez uma crônica em que homenagem o amigo. Na ocasião, o poeta analisa

---

<sup>20</sup> FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Mar de sargaços*, p. 38.

<sup>21</sup> LINS, Álvaro et alli. *José Lins do Rêgo*, p. 07.

<sup>22</sup> Idem, *Ibidem*, p. 32

<sup>23</sup> LINS, Álvaro et alli. *José Lins do Rêgo*, pp. 32.

magistralmente o homem e o escritor José Lins do Rêgo. Drummond afirma que a obra desse romancista deixa marcas de dor e tristeza no autor, mesmo que a leitura tenha sido realizada há muito tempo. O poeta com toda sensibilidade inerente de quem é poeta nos dá a sua impressão sobre a prosa de José Lins do Rêgo:

Os romances mais autênticos de José Lins, os de sua infância dramatizada, dos quais *Fogo morto* é como um epílogo magistral, continuam doendo depois de lidos, porque a narrativa colocou largamente sua presença entre os acontecimentos, seja de forma direta, seja através de impressões e modos particulares de ver e sentir; ofereceu-se em confiança, tocou-nos. Só isso? Não. Seu caso pessoal se insere numa paisagem, numa cultura, numa fase econômica e política, que passam a viver em representação dramática a nossos olhos, despercebidos até então do caráter trágico do panorama, ou ainda não habituados a encontrar toda a essa tragicidade em termos (tão simples) de ficção.<sup>24</sup>

Valendo-se da objetividade desse trabalho, pensamos que não cabe mencionar trechos de toda a fortuna crítica. Por isso, nosso estudo passa agora a refletir sobre o pensamento da crítica contemporânea sobre o romance de José Lins do Rêgo. Atualmente, é sugestivo observar o caráter crítico de alguns estudiosos sobre *Fogo morto*, considerado de forma unânime como a obra-prima do romancista paraibano. Inicialmente, tomemos as idéias de Alfredo Bosi ao apontar que a intrínseca relação entre o “eu e a realidade” favorecem a obra uma expressividade maior em termos de estrutura romanesca. Bosi tece o seguinte comentário a respeito dessa relação:

À força de carrear para o romance para o fluxo da memória, José Lins do Rêgo aprofundou a tensão eu/realidade, apenas latente nas suas primeiras experiências. E o ponto alto da conquista foi essa obra-prima que é *Fogo Morto*, fecho e superação do ciclo da cana-de-açúcar. A riqueza no plano do relacionamento com o real trouxe consigo maior força de estruturação literária. Assim sendo, o “espontaneísmo”, apontado nas palavras do próprio José Lins como caráter inerente a seu trabalho de escritor (“o dizer as coisas como elas surgem na memória”), vem dá ênfase de um momento limitado da sua história criadora;...<sup>25</sup>

O crítico Antonio Candido investiga em seu estudo “Um romancista da decadência” a vocação que José Lins do Rêgo teve para criar personagens, pois “*Fogo morto* (...) é sobretudo um livro de personagens. Falar dele é falar destes”<sup>26</sup>, que ora se apresentam em processo de decadência e ora transitam num mundo de silêncio. Assim, nas experiências vividas pelos protagonistas, o leitor percebe que as relações sociais ocorrem num espaço-tempo onde tudo é indefinido, pois o tradicional mundo dos engenhos passa a se confrontar com as inovações da modernidade, o mundo representado paulatinamente pelas usinas. A propósito, vejamos o tom da reflexão de Candido:

<sup>24</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. “José Lins do Rêgo”. In: *Correio da manhã*, pp. 17 e 18.

<sup>25</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, p. 450.

<sup>26</sup> CANDIDO, Antonio. “Um romancista da decadência”. In: *Brigada ligeira e outros escritos*. p.61.

O senhor José Lins do Rêgo tem a vocação das situações anormais e dos personagens em desorganização. Os seus são sempre indivíduos colocados numa linha perigosa em equilíbrio instável entre o que foram e o que não serão mais, angustiados por essa condição de desequilíbrio que cria tensões dramáticas, ambientes densamente carregados de tragédia, atmosferas opressivas, em que o irremediável anda solto. Os seus heróis são de decadência e de transição, tipos desorganizados pelo choque entre um passado e um presente divorciado do futuro. Em *Fogo morto* há um pouco da atmosfera dos grandes russos, com aquela impiedade em desnudar o sofrimento e por a descoberto as profundezas da dor do homem.<sup>27</sup>

O texto de *Fogo morto* evoca a José Maurício Gomes de as ideais os ideais estéticos expressos por Gilberto Freyre. O sociólogo, por sua vez, defendeu no movimento Regionalista de 1926, fazer literário que fosse capaz de registrar e refletir o dia-a-dia do homem em seu meio social. Como é sabido, o romancista paraibano conquistou uma longa amizade com Freyre e desde então o considerou seu mestre em termos de ensinamentos críticos sobre os problemas sociais que atingiam diretamente o ser humano. Na passagem, Almeida apresenta uma análise muito significativa sobre a prosa de José Lins do Rêgo:

(...) com José Lins do Rêgo o romance regionalista brasileiro alcança um de seus momentos mais altos. Herdeiro do movimento regionalista, o autor de *Fogo morto* procura colocar em prática aqueles ideais estéticos tão calorosamente defendidos por Gilberto Freyre e por ele próprio, no decênio anterior: uma criação artística fundada nas vivências pessoais de cada um, apta portanto a desvendar aspectos novos de cotidiano regional, que os preconceitos acadêmicos haviam banido da esfera artística. Com isso a obra, além de seu valor intrínseco como realização estética, adquire de verdadeiro depoimento.<sup>28</sup>

Acresce afirmar o pensamento do professor Luís Bueno numa crítica mais recente sobre o romance de José Lins do Rêgo. Em sua análise, Bueno insiste na observação que os outros teóricos fizeram ao considerar *Fogo morto* a obra-prima do escritor paraibano. Vale, portanto, conferir em *Uma História do romance de 30*, uma ampla investigação que o professor faz sobre as obras do período num encruzilhar de idéias, personagens, temas e estilos que necessita muita atenção da parte do leitor para apreender as análises propostas. Em relação a *Fogo morto*, Bueno confirma a tese críticos citados, afirmando:

A morte do mestre José Amaro em *Fogo morto* é mais do que o símbolo da tragédia de uma era que representara a morte de Ricardo em *Usina*. É a tragédia em si. E a descoberta de que a morte do mestre, como a morte da mulher ou a do pescador, é em si uma tragédia, é um dos elementos que pode dá a *Fogo morto* um

---

<sup>27</sup> Idem. Ibidem p. 61.

<sup>28</sup> ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*, p. 248.



equilíbrio e um alcance maiores do que as obras anteriores de José Lins haviam conseguido.<sup>29</sup>

Nesta ordem de concepção, é possível afirmar que há também na contemporaneidade uma expressiva fortuna crítica sobre o conjunto de obras de José Lins do Rêgo e, em especial, estudos voltados para *Fogo morto*. Para tanto, vale ressaltar que não nossa intenção investigar todas as análises existentes, mas fundamentalmente, procuramos refletir alguns teóricos da crítica literária sobre o nosso objeto de estudo. Fizemos um apanhado de como se deu a estética da recepção no momento de publicação da obra até o momento atual. Pesamos que eleger um trecho ou outro de determinado crítico não foi nossa intenção desconsiderar os que não foram citados em nosso estudo e muito menos de se tratar de um corte abrupto, mas sim buscarmos um delimitação que fosse capaz de atender às necessidades imediatas desse trabalho.

No mais consideramos pertinentes as análises realizadas pelos críticos, quando indicaram aspectos significativos da prosa de José Lins do Rêgo a partir de uma clareza e notável intenção crítica, propiciando-nos a compreender melhor o romance. Neste processo, os estudiosos recorreram a várias questões que vão da forma ao conteúdo e até onde pesquisamos não foi identificada nenhuma crítica negativa sobre a obra. Contudo, não estamos, aqui, afirmando que não existam estudos negativos acerca da prova José Lins do Rêgo. Se existe ou não, esse é um aspecto que será posteriormente pesquisado. No momento, considerando nossa leitura, podemos dizer que *Fogo morto* alcançou uma excelente receptividade tanto da crítica quanto do público.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. 2 e. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. “José Lins do Rêgo”. In: *Correio da manhã*. Rio de Janeiro: Agosto/1957.
- ANDRADE, Mário de. “Dois estudos”. In: *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Martins, s/d.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3 e. São Paulo: Cultrix, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Céu, inferno*. São Paulo: Ática, 1988.
- BUENO, Luís. *Uma História do romance de 30*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- CANDIDO, Antonio. “Um romancista da decadência” In: *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 8ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- CARPEAUX, Oto Maria. “O brasileiríssimo José Lins do Rego”. In: *Fogo morto*. 63 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Mar de sargaços*. São Paulo: Martins, 1944.

---

<sup>29</sup> BUENO, Luís. *Uma História do romance de 30*, pp. 469-470.

- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- LINS, Álvaro. *Estudos em jornal de crítica*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.
- LINS, Álvaro et alli. *José Lins do Rêgo*. Os Cadernos de Cultura. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1953.
- PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- RÊGO, José Lins do. *Fogo morto*. 63 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Romances reunidos e ilustrados*. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/INL-MEC, 1980. 5v.